

*Com a missão de abraçar
o desafio da transição energética,
Sílvia Barata assumiu
a presidência da BP Portugal
e esteve à conversa connosco.*

À conversa com Sílvia Barata



"A transição energética será feita através do alargamento do cabaz energético."



Conte-nos um pouco do seu percurso até aqui...

Comecei há 30 anos na Mobil e mantive-me fiel a esta casa. Na altura uma petrolífera, hoje uma empresa energética. Comecei ligada à área financeira e fui migrando de forma gradual para o apoio ao negócio. Assumi responsabilidades ibéricas e, nos últimos anos, europeias, na parte de gestão de ativos. Este percurso acabou por me dar uma perspetiva global do funcionamento da empresa, da cadeia de valor e a confiança de perceber como tudo funciona, para deixar as pessoas fazer o seu trabalho e tomar as melhores decisões. São 30 anos numa casa onde as pessoas são muito generosas e se trabalha muito bem em equipa. Depois, de uma forma natural, assumi a presidência que, em Portugal, acumulo com a direção do retalho.

Qual é o grande desafio que a BP enfrenta?

Desafios haverá sempre. Hoje é a transição energética. Um desafio não só atual, mas de médio e longo prazo. Para ser bem feita, de forma sustentável a todos os níveis, vai demorar muitos anos a ser alcançada. A nossa dependência dos combustíveis fósseis não desaparece de um dia para o outro. E ainda estamos a arranhar a superfície do que podemos e devemos fazer. Acredito que a pressão positiva das pessoas, da parte governamental e dos media tem acabado por levar as empresas e os principais agente económicos a sentirem essa necessidade. E não passa apenas pela necessidade de reduzir o impacto no ambiente, mas também por dar à sociedade uma oferta energética muito mais diversificada.

É um desafio mas, também, uma oportunidade?

Eu vejo nela muitas oportunidades para o futuro. Resta garantir que as empresas as sabem identificar corretamente e que cooperem com novos parceiros. Essa é a estratégia chave. Empresas que antes cresciam de forma muito individual, precisam de crescer agora em parceria com outros know-how. As partes digital e tecnológica são fundamentais para a parte energética. E, assim como nós queremos ir buscar esse conhecimento, também acredito que gigantes tecnológicos, como a Google por exemplo, irão, por sua vez, procurar parceiros na área energética. Será apenas uma questão de tempo. E a BP estará, naturalmente, presente nesse crescimento. Conhecemos o impacto da nossa atividade e por isso temos agora também a responsabilidade de fazer parte da solução. Nós e todas as outras empresas como nós.

O que é que a BP está a fazer nesse sentido?

Muitas coisas estão a ser feitas. Com base no nosso propósito, juntamente com aquilo em que acreditamos relativamente ao futuro dos sistemas de energia e as mudanças na procura dos clientes, construímos uma estratégia em torno da sustentabilidade, do negócio e do planeta. Estamos a descarbonizar e a diversificar os nossos negócios e a acelerar a nossa ambição de neutralidade carbónica com o objetivo de a atingir até 2050 ou antes em todas as operações, produção e vendas.

O nosso quadro de sustentabilidade estabelece por isso objetivos nas áreas onde acreditamos que podemos fazer a maior diferença para a BP, os nossos stakeholders e a sociedade: dez objetivos para atingir a neutralidade carbónica e ajudar o mundo a atingir o mesmo objetivo, cinco objetivos para melhorar a vida das pessoas e cinco objetivos para cuidar do nosso planeta. Foi preciso muita coragem para fazer esta mudança. Mas acho que era necessário cortar com o passado.

Mas isso não significa que não tivessem sido feitas coisas antes. Foram. Não havia então a claridade de uma visão a longo prazo. Há muitos anos chegámos a ter uma área de negócio de energias alternativas. Na altura na área da energia solar. Mas foi, talvez, cedo de mais. Cedo na tecnologia e cedo porque a sociedade e os agentes económicos ainda não estavam preparados. Hoje, são muitos os investimentos feitos na compra de start-ups e outras empresas para nos rodearmos das ferramentas necessárias para abrir caminho a esta transição energética. Por exemplo, na digitalização da relação com os clientes através de aplicações de pagamento e cartões digitais, entre outras coisas. Todos estes passos foram feitos um pouco nos bastidores, mas eram necessários para hoje podermos ter um papel ativo. À nossa volta, também os agentes económicos deram esse passo, todas as empresas fizeram o papel de mostrar aos stakeholders o caminho a seguir e existe regulamentação do ponto de vista legislativo. O palco está montado!

A transição energética tem um custo elevado?

Todas as transições têm um custo elevado. Sem estes passos e apoios prévios as empresas acabariam por não ter viabilidade económica para o fazer. Todos temos de perceber que a transição energética não será "grátis". E não será "grátis" para ninguém. A BP tem vindo a investir

muito. Por exemplo no desenvolvimento de energia eólica offshore, ou na reformulação das nossas refinarias, ou para garantir que os materiais utilizados nos postos têm menos emissões. Em Portugal, temos o programa de compensação carbónica, onde todos os que abastecem na BP veem as suas emissões compensadas porque nós investimos em projetos de redução de emissões em várias comunidades. Por exemplo, na América do Sul, onde as comunidades têm maiores dificuldades em fazê-lo. Um exemplo são os fornos que criámos no México para a população usar em vez de queimar as florestas. Tudo isto são investimentos, muito elevados e que apenas terão retorno a médio e longo prazo. Mas que têm de ser feitos. Aliás há aqui um ponto fundamental, que talvez seja a mensagem principal que gostava de deixar: a transição energética vai ser feita através de um alargamento do “cabaz” energético. Se antes apenas tínhamos energia através de gás e combustíveis fósseis, agora vamos ter energia de muitas outras fontes: vento, solar, hidrogénio, biocombustíveis... Cada uma adaptada a diferentes funções. É importante perceber que todas elas são parte da transição energética. Isto vai permitir ao consumidor, às indústrias e às empresas, selecionar aquela que melhor se adapta às suas necessidades e, com isso, abrir novas oportunidades de crescimento.

Uma transição mais visível, para já, nos automóveis?

Sem dúvida. Já é uma realidade onde, naturalmente, trabalhamos para ser parte da solução. O nosso objetivo é, até final de 2023, colocar em Portugal mais 300 carregadores elétricos. Vamos fazê-lo através de uma parceria com a VW, onde teremos soluções para o carregamento nos postos, mas também no domicílio. Percebemos a urgência dos utilizadores de veículos elétricos em ter carregadores em cada esquina, por assim dizer. E, também, a urgência dos construtores de veículos numa rede de carregamento que lhes fortaleça os argumentos de venda para também cumprirem as metas europeias. Mas é importante perceber que a principal função dos postos de abastecimento não vai mudar tão rápido como se julga. Nem é, para já, possível colocar muitos carregadores em cada posto. A nossa rede elétrica ainda não o permite. Temos até, neste momento, vários carregadores à espera de ligação para ficarem operacionais. Mas esse é outro dos custos que todos temos de pagar pela transição energética. Pelo caminho a tecnologia vai-se consolidando, os mercados estabilizando e continuaremos todos a seguir nesta viagem.

Por falar em viagens, qual é a sua roadtrip de sonho?

A Route 66. Gostava de ficar a conhecer os Estados Unidos por esse prisma. Uma viagem em família, claro. Só não sei se de caravana ou descapotável! Em Portugal, sem dúvida, a Costa Vicentina. Tenho uma forte ligação ao mar.

Viagens que o Escape Livre e a BP partilham há 30 anos...

Na BP as parcerias nunca são a pensar no curto prazo. Para nós, só faz sentido aliarmo-nos a quem partilhe os nossos valores. Quando isso acontece, temos tudo para criar uma relação duradoura. É o caso do Escape Livre. Exemplo disso é, à semelhança da BP, o Escape Livre também ter criado um programa de compensação carbónica para quem participa nas suas atividades. É esta visão comum que partilhamos há 30 anos e que tem tudo para continuar.

"Gostava de fazer uma roadtrip com a família pela Route 66. Só não sei ainda se de caravana ou descapotável!"

De cima para baixo

Sob o comando de Silvia Barata a BP definiu a meta de 300 novos carregadores elétricos até 2023. A história da BP está sempre presente como forma de pensar o futuro. Na sala de convívio, Silvia Barata falou da abordagem da BP à transição energética.

